

REPRESENTAÇÕES DA GUERRA DO PARAGUAI EM GOIÁS NO ROMANCE SOMBRAS EM MARCHA: NA VIVÊNCIA DA FUGA, DE ROSARITA FLEURY

JOSÉ ATANÁSIO DE SOUZA FILHO¹

Introdução

Este trabalho se apresenta com o propósito de analisar a História da Província de Goiás no século XIX, mais precisamente, o período que contextualiza os acontecimentos históricos relacionados à Guerra do Paraguai. Nossa perspectiva é buscar desenvolver uma análise sobre os acontecimentos que relacionam a sociedade goiana à guerra a partir do diálogo entre História e Literatura. Através desse exercício interdisciplinar, seguir interrogando a base documental e historiográfica da História de Goiás no século XIX, delimitando nosso recorte temporal à década de 1860.

No âmbito da discussão teórico e metodológica, a proposta de nosso estudo se insere na linha da História Cultural apoiando-se na literatura da historiografia francesa; auxiliam nossa reflexão, neste texto, as contribuições de BLOCH (2001), MARROU (1968) e, principalmente, CHARTIER (2010), CHARTIER (2011), estes últimos são aqui utilizados no intuito de melhorar nossa compreensão sobre a relação de diálogo e negociação entre História e Literatura, principalmente, as obras de ficção histórica. No plano da produção dos saberes provenientes de pesquisa em História e textos que se dedicam ao debate sobre a produção historiográfica e literária brasileira, contamos com as contribuições de DORATIOTO, (2002), ARAÚJO, (2009); JOURDAN (1893), MARTINS (1983), estas escritas compõem o suporte de informação da historiografia brasileira e goiana sobre o assunto Guerra do Paraguai e seu impacto no Império Brasileiro. E, noutro plano de estudo, uma leitura mais adjacente, todavia, útil para o entendimento do estudo das produções de arte e texto memorialísticos; nesse aspecto, nos auxiliaram os trabalhos de CASTRILLON-MENDES (2013) e ALBUQUERQUE JÚNIOR (2011). Por fim, o acervo dos relatórios dos presidentes da província de Goiás in MEMÓRIAS GOIANAS (1998) e o Romance Sombra em Marcha: na vivência da Fuga, FLEURY (1983) compõem as fontes de informação e representação sobre a participação de Goiás na Guerra do Paraguai, objeto temático de nossa investigação.

¹ Doutorando em História pelo Programa de Pós – Graduação em História – UFG - Goiânia – GO – 2014.1. Bolsista CAPES, e-mail: atanasiosouza@hotmail.com.

1 – História e Literatura em Goiás, um diálogo possível.

Nosso maior desafio é o aprimoramento do diálogo entre História e Literatura. No âmbito dessa discussão nos utilizamos aqui da atividade literária da escritora goiana Rosarita Fleury. Nesse sentido, nossa intenção é tomar a leitura de literatura de ficção como estudo das representações do passado - interpretação dos acontecimentos sobre a relação de Goiás com a Guerra do Paraguai. Nossa experiência neste instante, parte do romance histórico: *Sombras em Marcha, na vivência da fuga*. A designação pontual de romance histórico se aproxima daquilo que se manifesta em nossas intenções de interpretar o passado a partir da escrita ficcional, tendo neste texto o sentido de memória histórica.

Assim sendo, tomamos aqui, como objetivo de nossa empreitada, no âmbito da interpretação dos acontecimentos que ligaram Goiás à Guerra do Paraguai, uma via de entendimento em três realidade de informações; as quais se apresentam como informações proveniente de documentos de época; ou das análises da historiografia goiana sobre o século XIX, e, por último, com a literatura de ficção, nosso propósito mais emblemático nesta reflexão. Nossa ideia é tomar o conjunto desse material como acervo documental das formas de representação que se tornaram vestígios daquela história, que chegaram até nós, e tratam dos acontecimentos e representações do passado que é objeto de nosso estudo: os goianos participaram da Guerra do Paraguai.

É um documento toda a fonte de informação de que o espírito do historiador sabe tirar qualquer coisa para o conhecimento do passado humano, encarado sob o ângulo da pergunta que lhe foi feita. É evidente que se torna impossível dizer onde começa e onde acaba o documento; a pouco e pouco, a noção dilata-se e acaba por abarcar textos, monumentos, observações de toda a ordem. (MARROU, 1968, p.69-70)

O trabalho mais expressivo que trata da participação de Goiás na Guerra do Paraguai foi escrito pela historiadora Zildete Inácio de Oliveira Martins. Esta pesquisa realizada nas dependências da Universidade Federal de Goiás em fins da década de 1970, foi publicada em 1983. A estrutura do texto, enquanto opção historiográfica e estilo literário está de acordo com o contexto de uma época em que a historiografia brasileira ainda não experimentara, de forma massificada, os novos paradigmas da Nova História, sendo assim, a proposta deste trabalho foi de caráter mais descritivos dos acontecimentos da guerra e tratou sobre o impacto que esta significou na sociedade goiana. Suas fontes principais são as informações providas

dos relatórios administrativos dos presidentes da província goiana e da burocracia imperial. Satisfaz ainda a curiosidade do leitor o uso da narrativa memorialística de Alfredo de Scragnole Taunay.

Nas páginas de “A Retirada da Laguna”, o autor narra sobre o cotidiano das batalhas no teatro de guerra e, nesse contexto, faz referência à dedicação do 20º Batalhão de Infantaria de Goyaz, num dos episódios que ficou marcado como a Retira da Laguna². No momento mais acuado da tropa sob o cerco do exército paraguaio naqueles dias de abril de 1865, Taunay escreveu em suas memórias: “Transpusemos o *rio Apa* (grifo nosso) em frente à Bela Vista; o 20º de Infantaria de Goiás formava a vanguarda, sob o comando do Capitão Ferreira Paiva” (TAUNAY, 1963, p. 59). Entretanto, a principal motivação para a pesquisa, segundo a pesquisadora goiana, esteve ligado às poucas páginas de História escritas sobre a participação de Goiás na Guerra do Paraguai, daí, suas escolhas se mostraram no sentido desse reconhecimento.

O estudo do referido tema se deve ao feito de não existir na escassa historiografia de Goiás, qualquer trabalho sobre a participação da província na guerra contra o ditador Francisco Solano Lopes e por isso acreditamos que a nossa pesquisa possa se apresentar de alguma utilidade para os interessados no assunto, uma vez que ela se baseia, sobretudo, em fontes primárias ainda não utilizadas. (MARTINS, 1983, p. 12).

Sugere a historiadora Zildete Martins, justamente, aquilo que escreveu Henri E. Marrou sobre o trabalho do historiador, isto é, que ele deve ter consciência de que faz escolhas e suas escolhas têm, em pesquisa histórica, sempre uma finalidade maior, servir de base para novas pesquisas, pois história é “conhecimento do passado humano”, e o passado humano é repleto de marcas, vestígios, indícios das ações humanas e cabe ao historiador se debruçar sobre eles a fim de fazê-los se representar a partir de suas elucubrações e domínio técnico no ofício de investigar o passado. É o Historiador quem escolhe o que investiga e se ocupa da forma como procede sua investigação.

Diremos conhecimento e não como os outros, ‘narração do passado humano’, o trabalho histórico deve levar a uma obra escrita..., mas trata-se de uma exigência de caráter prático (a missão social do historiador...); de fato, a História existe já

² Um importante estudo sobre a produção literária de Alfredo de Scragnole Taunay, principalmente sua contribuição para a valorização dos elementos de integração do cenário social e cultural do Mato Grosso ao universo da literatura brasileira, se encontra no Livro de Olga Maria Castrillon-Mendes, *Taunay viajante: construção imagética de Mato Grosso*. Um excerto interessante contempla o interesse inicial da autora sobre a produção memorialística e literária do escritor de *A retirada da Laguna*: “Com o olhar plasmado no interior de Mato Grosso, em meio a mestiços, índios, caboclos e brancos, que poderiam representar um perigo à ordem nacional, Taunay criou mecanismos articulados entre a ciência e a arte, para redescobrir o Brasil e engajá-lo num projeto de civilização, que tinha a Monarquia como base institucional” (CASTRILLON-MENDES, 2013, p. 25).

perfeitamente elaborada no pensamento do historiador antes mesmo dele a ter escrito. (MARROU, 1968, p.28-29).

Noutra passagem, o historiador francês é mais preciso e postula sobre a capacidade da escolha do historiador como uma atividade puramente intelectualizada, isto é, faz parte de uma opção de saber, de se chegar a um saber mais aprimorado em História. “A seleção dos documentos utilizáveis para determinada questão posta não é portanto uma operação puramente mecânica e o talento do investigador encontra aí uma ocasião para exercitar.”, (MARROU, 1968, p. 67). Nesta análise, o historiador evoca a necessidade de ver o documento – a escrita, a marca, o traço do passado, os vestígios – como uma “fonte” que possibilita jorrar algo a ser interpretado pelo historiador; quando este se dispõe a escolher interpretar um dado acontecido no passado.

É um documento toda a fonte de informação de que o espírito do historiador sabe tirar qualquer coisa para o conhecimento do passado humano, encarado sob o ângulo da pergunta que lhe foi feita. É evidente que se torna impossível dizer onde começa e onde acaba o documento; a pouco e pouco, a noção dilata-se e acaba por abarcar textos, monumentos, observações de toda a ordem. (MARROU, 1968, p.69-70)

Portanto, tomando o conselho de Henri Marrou, de que no exercício da história, a pesquisa de fontes (documentos) do passado é uma escolha do historiador; logo, nosso caminho de abordagem se manifesta abrindo o leque de interpretação do passado de Goiás e sua relação com a Guerra do Paraguai tomando a narrativa ficcional de Rosarita Fleury como testemunha daquele passado. Nesse caso, sua literatura é um trabalho de memória histórica, testemunha da história, nas palavras de CHARTIER (2010). Sobre o trabalho da escritora goiana, Nelly Alves de Almeida, escreveu num excerto de apresentação que consta na capa de apresentação do romance Sombras em Marcha: na vivência da fuga, onde destaca esse caráter testemunhal da obra:

É um romance que tem espessura física e psicológica. Traz realidade testemunhal que fixa grande verdade político-social de modo estranhamente dramático e voltado para o universo dos fatos que nos dão, a par do talento da autora, grande informação histórica³.

No bojo dessa discussão, tanto a leitura do texto científico quanto do romance, a ideia é a mesma: poder usufruir das informações desses textos como fonte de informação e inspiração para nova síntese, para a constituição de novas ideias que se traduzam em elementos constituintes do saber em História. Alimentar a cultura histórica subsidiando novas

³ ALMEIDA, Nelly Alves. Testemunho de Força Criadora” In: FLEURY, Rosarita. Sombras em Marcha: na vivência da fuga. (orelha do livro). Goiânia, Edugraff, 1983.

interpretações do passado é mais que a obrigação do historiador. O exercício de interpretação do passado compõe a disciplina do olhar abrangente, da mente disposta à imaginação. Neste aspecto, o ofício de historiar apresenta a capacidade de interpretar vestígios sobre o passado e todos os vestígios herdados só podem ser entendidos a partir da imaginação, imaginar é ter a capacidade de embelezar o passado, sentir-se atraído por ele; ao se aproximar daquilo que foi e não mais é; este não mais é, é o passado, ou um determinado passado escolhido pelo historiador, interrogado por ele.

Como primeira característica, o conhecimento de todos os fatos humanos no passado, da maior parte deles no presente, deve ser [segundo a feliz expressão de François Simiand] um conhecimento através de vestígios. Quer se trate das ossadas emparedadas nas muralhas da Síria, de uma palavra cuja forma ou emprego revele costume, de um relato escrito pela testemunha de uma cena antiga [recente], o que entendemos efetivamente por documentos senão “vestígios”, quer dizer, a marca, perceptível aos sentidos, deixadas por um fenômeno em si mesmo impossível de captar? (BLOCH, 2011, p. 73)

Investigar o passado de Goiás no contexto da Guerra do Paraguai, como descreve a historiadora goiana Zildete Martins, tem o objetivo de produzir um saber útil à sociedade do saber, do saber da história de um dos acontecimentos da vida goiana num período determinado da História do Brasil no século XIX. Isso porque a guerra chegou aos goianos e lhe cobrou um tributo. O início de 1865 foi marcado pela urgência do governo imperial em montar uma força militar nacional a fim de contra-atacar o exército paraguaio, que invadira a Província do Mato Grosso e atacou as instalações de defesa de fronteira brasileira localizada no Forte Coimbra, a partir de 26 de dezembro de 1864.

2 - Goiás se organiza para a guerra, alguns circunstâncias pontuais.

Na Província de Goiás, a repercussão da guerra se manifesta, em termos de organização militar, mais atrasada do que outras províncias do império⁴. As razões, pode-se

⁴Foi publicado no jornal Liga e Progresso, Província do Piauí, a seguinte informação que mostra uma resposta mais rápida daquela população às demandas do governo imperial, o decreto 3371 de 07 de janeiro de 1865. “Parece incrível que o Piauí, Província pequena e acanhada, pobre de todos os recursos, com péssimas vias de comunicação e sem hábitos de guerra, esteja tão adiantada em patriotismo a ponto de, no curto espaço de dois meses, ter conseguido dar um contingente tão reforçado, excedendo assim a outras suas irmãs em condições favoráveis. Em março expediu S. Excia. O corpo de Guarnição composto de 400 homens e os primeiros Voluntários da Pátria; em abril, a Companhia de Polícia com 80. Agora, o 1º de Voluntários com 320 praças...”, (jornal Liga e Progresso, 24/05/1865). In: ARAÚJO, Johny Santana de. **Bravos do Piauí! Orgulhai-vos. Sois dos Mais Bravos Batalhões do Império: A propaganda nos jornais piauienses e a mobilização para a Guerra do Paraguai 1865-1866.** Tese de Doutorado. Universidade Federal Fluminense. Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2009, p.94.

enumerar algumas, entretanto, a vacância da presidência da província nos primeiros meses de 1865 agravou esse atraso.

Quando, em 1º de junho de 1865, o então presidente Augusto Ferreira França deixou escrito um relatório do seus, aproximadamente, primeiros 35 dias de governo, não há como não compreender a angústia de suas palavras. Bem provável, um sentimento desolado transparecia-lhe quando externava suas ideias escrevendo o texto. Nesse relatório encontra-se as notícias sobre como ele viu o estado da administração pública goiana, quanto à questão da organização do aparato militar provincial e das ações que deveriam ter sido realizadas a fim de cumprir com as demandas expostas no Decreto 3371, de 7 de janeiro de 1865, por exemplo. Escreveu assim, o presidente Ferreira França:

Assumindo a administração, tratei de saber quaes os auxílios que tinham sido enviados à província de Matto Grosso, e fui informado de que, apesar dos mais ardentes desejos da província, e a despeito dos esforços do Exm. Sr. Vice-presidente, não se tinha conseguido, até então expedir força alguma auxiliar, havendo sido adiada a marcha do batalho de caçadores. (MEMÓRIAS GOIANAS, Nº10, 1998, p. 66)

Tais informações contidas na fala do presidente Augusto Ferreira França, mostram a realidade de improvisos da administração pública sob sua gestão e do movimento que havia de ser feito perante a população goiana a fim de motivar e empenhá-la a cumprir com as diretrizes política, em tempo de guerra, expedidas pelos Gabinetes Ministeriais do Império Brasileiro. Nesse aspecto, a Província de Goiás demandou mais tempo para organizar o aparato humano e logístico a fim de contribuir com as forças expedicionárias do Império Brasileiro, em sua reação ao ataque paraguaio.

No início de janeiro de 1865, o clima geral de guerra havia se espalhado nas províncias do país e uma intensa propaganda elevou os ânimos da população. A mobilização era o caminho pelo qual se poderia conseguir homens para compor as tropas. Homens oriundos das mais diferentes regiões do império, de diferentes camadas sociais...” (ARAÚJO, 2009, p. 18).

Em Goiás, mesmo com certo atraso, algo deveria ser feito, era uma realidade comum a todas as províncias. E assim se fez, como se encontra na fala de Augusto Ferreira França, apesar das particularidades próprias da realidade social e geográfica da província de Goiás e suas demandas mais específicas diante das de outras províncias “irmãs”:

Não só a escassez do tempo, mas também os trabalhos atinentes à expedição de forças para a província de Matto Grosso, pelos quaes tem sido toda absorvida a acção da presidência, não me ham proporcionado até agora ensejo para curar, como devo e pretendo, dos vários assumptos da pública administração (...) Como verdadeiros patriotas que sois, tendes certamente acompanhado com ávida attenção as peripécias da guerra travada entre o Império e as Repúblicas do Uruguay e Paraguay. (MEMÓRIAS GOIANAS, nº 10, 1998, p. 65).

Assim sendo, tais fontes comprovam certo atraso no processo de expedição das forças militares goianas. Entretanto, no bojo dos acontecimentos gerais da organização das forças expedicionárias brasileiras, no suceder dos meses que se seguiram à maio de 1865 em diante, a sociedade goiana, enfim, mobilizou-se e enviou efetivos militares para o teatro de guerra; assim como, proporcionou o abastecimento de víveres para os batalhões e regimentos militares vindos de outras províncias. Zildete Martins, em sua pesquisa, nos confirma isso quando descreve como foram organizados por Goiás os depósitos de víveres destinados às tropas que marchavam em direção à Província de Mato Grosso vindas de outras províncias:

Diante disso, a primeira providência do governo goiano foi a criação dos chamados depósitos de víveres. Eram depósitos de víveres uma espécie de armazém com o fim de proporcionar mantimentos às forças expedicionárias que passassem pelas suas proximidades, de conservar os gêneros em um ponto central, de onde saíam para o suprimento das forças enquanto atuavam nos distritos de Miranda e Baixo Paraguai, em Mato Grosso. (MARTINS, 1983, p. 73)

Essa realidade se comprovou no desenrolar das primeiras atividades administrativas do presidente Augusto Ferreira França, conforme se encontra registrado nas informações de relatórios baseados nas ações de guerra e realizados pelo Ministério de Assuntos de Guerra do Império Brasileiro. Esses relatórios foram publicados no livro de E. C. Jourdan sobre a história das Campanhas do Uruguai, Mato Grosso e Paraguai. Segundo consta nesse relatório, a Província de Goiás teve influência ativa no conflito. O autor destaca sobre a importância das forças expedicionárias da Província de Goiás na recomposição das forças brasileiras no Mato Grosso, principalmente, na retomada do território invadido; (por exemplo, relata sobre a situação de abandono da província de Mato Grosso e a devastação nas localidades do sul da província até as localidades de Coxim). Sobre Goiás se encontra a seguinte referência:

Na mesma data mandou ocupar o referido ponto pelo corpo de artilharia da província de Goyaz (*grifo nosso*) e recommendava ao tenente-coronel commandante do batalhão de caçadores de Goyaz e ao commandante do esquadrão de cavallaria da mesma província, que acabavam de chegar, que fossem acampar também naquelle ponto. As forças de Goyaz, cujo presidente era o Dr. Augusto Ferreira França, foram as primeiras que chegaram em socorro a Mato-Grosso. (Relatório do Ministério dos Negócios Estrangeiros em 1865. In JOURDAN, Vol. II 1893, p. 53)

No âmbito da História, as informações que retratam os acontecimentos que ligam a sociedade goiana à Guerra do Paraguai talvez não represente um acervo alargado tal como possa encontrar-se em outros acervos e estudos elaborados sobre tais acontecimentos em outras províncias do império. Conseqüentemente, é nossa intenção vasculhar os registros que

indiquem de forma plausível, enquanto um saber historiográfico, os fatos, a história de algumas pessoas e tantas outras possíveis histórias vividas pelos goianos que participaram, de forma direta ou indireta, da grande batalha internacional da América do Sul, no início da segunda metade do século XIX.

No que diz respeito a empreitada sobre o contato com as fontes de informação de época, (relatórios e periódicos, por exemplo), esta pesquisa se mostra trilhando em busca do melhor jeito de compreender o universo das representações e formas de dizer sobre aquele passado. Tais fontes representam as ações e ideais daqueles que deixaram de alguns acontecimentos ali registrados. Entretanto, no próximo item, a proposta é buscar na narrativa de ficção uma fonte de saber e interpretação sobre a história da participação de Goiás na Guerra do Paraguai, através do romance de Rosarita Fleury, *Sombras em Marcha: na vivência da Fuga*.

3- A guerra como absurdo: Goiás representado no romance de Rosarita Fleury.

A trama histórica escrita por Rosarita Fleury, materializada no romance: *Sombras em marcha: na vivência da fuga*, não retrata a história da guerra e nem se pretende um texto indicativo para o aprofundamento das causas daquele conflito. Todavia, como destaca a historiadora Maria Augusta Sant'anna de Moraes, o livro permite um “mergulhar, deliciosamente, no contexto sócio-cultural e histórico do Brasil no século XIX, em especial, Goiás”⁵. Isso porque o romance tem um recorte temporal bem definido pela escritora circunscritos aos acontecimentos iniciais da guerra, entre fins de dezembro de 1864 e 15 de maio de 1865, período de reação do governo brasileiro. A história tem início com as primeiras investidas do exército paraguaio à cidade de Corumbá (Mato Grosso), nos últimos dias de dezembro de 1864. A guerra chegava lentamente, provocando medo e desespero.

No dia 22 *de dezembro* (grifo nosso), ele começou a voltar. Pára aqui, amarra a canoa acolá, sempre encontrando novidades, quando, no dia 25, viu muitos veleiros. Viu pranchas, lanchões, canoas... um lote de navegações. Salustiano estava com Estebão, aquele irmão de Quirino. Ele também estranhou. Ficaram disfarçados, na espia... e conheceram o Tacuari, o Iporá e o Patacho Rosário. Assustados com aquilo, remaram para a beirada, jogaram a canoa nas costas e vieram mata adentro com cuidado. (FLEURY, 1983, p.12)

⁵ MORAES, Maria Augusta Sant'Anna de. Bilhete à Rosarita Fleury. In Orelha do livro *Sombras em Marcha: na vivência da Fuga*. Goiânia, Indusgraff, 1983.

O excerto acima traz representado no medo do personagem Salustiano o sentido do que foi o início da guerra para as populações que viviam nas localidades territoriais de fronteira entre Brasil e Paraguai. “O povo está com medo e já há gente fugindo para as fazendas e outros lugares” (Fleury, 1983, p. 28) Nos primeiros capítulos a autora busca sensibilizar nossa percepção para a desordem que a guerra passou a implicar na vida das pessoas e com senso de realidade enriquece a trama fundamentando seus personagens no âmbito dos acontecimentos já conhecidos na história. Os dados históricos representados na trama pela autora condiz, por exemplo com o que veio publicar, dezenove anos depois da publicação do romance, o historiador Francisco Doratioto quando analisa o contexto de invasão do Mato Grosso.

Nos dias 22 e 24 de dezembro saíram, respectivamente, de Assunção e de Concepción, duas expedições militares para invadir Mato Grosso. A primeira, fluvial, era formada por cinco barcos a vapor e cinco outras embarcações menores, contando com 4200 homens – mil deles de cavalaria – comandados pelo coronel Vicente Barrios, cunhado de Solano Lopes, tendo como objetivo inicial tomar o Forte Coimbra. (DORATIOTO, 2002, p. 99)

Ambos os acontecimentos narrados acima tratam da invasão do Paraguai ao Mato Grosso. O que se opera em distinção está no estatuto dos saberes; a escrita do historiador distingue-se do texto da romancista justamente por aquilo que Roger Chartier diz sobre “o estatuto da verdade da ficção e do regime próprio do conhecimento histórico”. (CHARTIER, 2011, p.226). O que diz o historiador francês sobre o estatuto da verdade e como ver essa forma estatutária de saber tanto em História quanto em Literatura, ou mais ainda, no sentido de buscar pontos de convergência para uma melhor compreensão das coisas do passado é o desafio que se mostra no cotidiano desta pesquisa.

Para exemplificar melhor essa distinção, vejamos o raciocínio de Roger Chartier, ao analisar a relação pesquisa em História e o uso de obras literárias como objeto de investigação historiográfica, quando ele trata da “a re-fundação do regime de conhecimento específico da história” (CHARTIER, 2011, p. 213), e destaca que um dos caminhos de aproximação entre História e ficção histórica, e suas razões, está na força das representações muito evidenciadas nas obras literárias de cunho histórico. Entretanto, conclui, são formas diferentes de saberes da humanidade. Com precisão, o historiador francês, numa breve exposição, deixa bem claro sua compreensão sobre a relação entre história e obras de ficção, quando diz:

Entre História e ficção, a distinção parece clara e resolvida se se aceita que, em todas as suas formas (míticas, literárias, metafóricas), a ficção é “um discurso que ‘informa’ do real, mas não pretende representá-lo nem abonar-se nele”, enquanto a

história pretende dar uma representação adequada da realidade que foi e já não é (CHARTIER, 2010, p. 24).

O romance *Sombras em Marcha* teve o propósito de ser um discurso literário sobre o passado de Goiás e Mato Grosso no contexto inicial da Guerra do Paraguai. Fala de lugares (a cidade de Corumbá, de Cuiabá, de Goiás) de uma região do Brasil no século XIX. Região no sentido mais estrito daquilo pelo qual expôs Durval Muniz, quer dizer, região não no sentido estritamente vinculada à realidade da geografia, do tipo, as características físico-naturais de um lugar, uma área, um espaço. Isso porque, a guerra é resultado de um rompimento diplomático e nos bastidores desse rompimento há um cenário complexo de relações políticas e administrativas, as quais constituem a base do arcabouço jurídico e burocrático dos interesses em conflitos, portanto, em espaços opostos.

Isso não passou despercebido por Rosarita Fleury, e ela demonstra isso ao compor o cenário de fuga de um funcionário militar do estado imperial, quando sua cidade – Corumbá do Mato Grosso – foi devastada pelas forças paraguaias. Surge assim a visão macro regional da postura literária da escritora goiana; sua opção foi destinar a fuga do coronel Leopoldo não em direção às regiões da corte ou do litoral sul do Brasil. O caminho escolhido foi diferente, o norte a seguir foi direcionado para as terras goianas, pra os caminhos que ligam aos sertões de Goiás. Nesse dimensão, a escritora deu um lugar a Goiás no plano da história do maior conflito beligerante da América do Sul no século XIX. Na literatura de Rosarita, Mato Grosso e Goiás não poderiam ficar ofuscados na história daquele acontecimento e se propôs, a partir de sua capacidade criadora em literatura, a mostrar que a região central do Brasil compõe parte integrante do plano nacional de reorganização das políticas do Estado Imperial Brasileiro, depois de conflagrada a Guerra do Paraguai. Região central do Brasil – do pantanal mato-grossense aos sertões goianos no contexto de uma época do Brasil em meados do século XIX – de acordo com o que descreve o historiador paraibano Durval Muniz.

A noção de região, antes de remeter à geografia, remete a uma noção fiscal, administrativa, militar (vem de regere, comandar). Longe de nos aproximar de uma divisão natural do espaço ou mesmo de um recorte do espaço econômico ou de produção, a região se liga diretamente às relações de poder e sua especialização. Ela remete a uma visão estratégica do espaço, ao seu esquadramento, ao seu recorte e à sua análise, que produz saber. Ela é uma noção que nos envia a um espaço sob domínio, comandado. (ALBUQUERQUE Jr, 2011, p. 36).

O ataque paraguaio à cidade de Corumbá desestabilizou a vida social da população que habitava ali, no início de 1865, e provocou mudanças trágicas e esforços extenuantes na

população sob o signo do medo, sob à sombra da morte. Nada no livro esclarece o porquê da escolha da autora⁶ em iniciar o romance naquela cidade e não noutro espaço de fronteira; Corumbá invadida, destruída, faz surgir no horizonte a capital da província de Goiás. Lugar de fuga da guerra; a cidade de Goiás é a salvação da vida de seus principais personagens, a família do Coronel Leopoldo.

No capítulo “A difícil resolução”, ela trata das incertezas que surgem com as atrocidades da guerra, demonstra a esperança esvanecida. O que viria à frente, então? E Rosarita Fleury faz o personagem coronel Leopoldo falar, mesmo com a voz embargada, buscando atenuar a angústia da esposa Mercêdes, atônita e sem rumo perante o avanço dos inimigos paraguaios. Viajar para onde? Para Goiás? A decisão já estava tomada, ninguém poderia ir contra a guerra, era ela a culpada de tudo. “A Guerra...Em todas as épocas, em todos os tempos, sempre a guerra enlutando, dizimando, assombrando e enchendo de terror a própria humanidade” (FLEURY, 1983, p. 44).

Entretanto, Goiás é uma província do Império Brasileiro e vizinha da província ultrajada. Essa infame realidade não podia passar sem a corresponsabilidade da população goiana em diminuir tamanho ultraje. Sobre isso, o vice-presidente goiano João Bonifácio Gomes de Siqueira alertou em seu relatório, datado de 27 de abril de 1865, que, segundo o aviso do Ministério da Guerra de 22 de dezembro de 1864 dava ordens para que a Província de Goiás se dispusesse a enviar uma força militar para a cidade de Cuiabá; está escrito em seu relato: “que fizesse o quanto antes seguir o batalhão de caçadores desta província para o Mato Grosso” (MEMÓRIAS GOIANAS, 1998, p.58). Em 1º de junho de 1865, prestando conta de seu primeiro mês à frente do governo provincial de Goiás, encontra-se, na fala do presidente Augusto Ferreira França, informações sobre os investimentos realizados que possibilitaram a marcha do 20º Batalhão Goiano de Caçadores em direção ao território da província do Mato Grosso, no dia 15 de maio. Dando continuidade ao que predisse seu predecessor em relatório anterior, era missão de Goiás fornecer ajuda militar e de logística para a província vizinha.

⁶ Segundo Moreira Leite, num texto em que diz ter realizado uma entrevista com Dona Rosarita Fleury, “nos idos de 1968”, o romance *Sombras em Marcha* era um projeto literário da escritora goiana antes mesmo da publicação de um outro romance dela intitulado *Elos da Mesma Corrente* (1958). Entretanto, o projeto de escrita daquele livro foi adiado justamente pela impossibilidade da autora fazer as devidas viagens ao Mato Grosso a fim de embasar suas informações literárias, diz o escritor: “Uma curiosidade interessante: seu primeiro projeto de livro, na realidade, foi “*Sombras em Marchas*”, porém, teve que interrompê-lo, pela impossibilidade de viajar ao Mato Grosso, palco da trama, a fim de pesquisar; aliás, diga-se de passagem que em 1970 ela conseguiu fazer a viagem e então completou aquele livro, lançando-o em 1985”. Disponível em: <<http://anhshshrjnm.blogspot.com.br/2010/06/bau-literario.html>> Acesso em 17-08-2015, à 1:17h. Moreira Leite fala da publicação em 1985, entretanto o título que tenho em mãos é de 1983.

Contratei pelo preço mais razoável que pude conseguir os animais que eram preciso para o transporte dos víveres destinados ao sustento das forças que tinha de marchar, além d'aquelles que já haviam sido fretados pelo Exc. Sr. vice-presidente. Mandeí comprar todos os gêneros alimentícios que ainda faltaram para o fornecimento do batalhão durante sua longa viagem daqui até a capital da província de Mato Grosso. (MEMÓRIAS GOIANAS, 1998, p. 66).

15 de maio é também o título do último capítulo de *Sombras em Marcha*. Neste capítulo, a cidade de Goiás é o cenário que engloba a trama final do romance. Isso porque foi no dia 15 de maio que ficou marcado, na história, a marcha inicial das forças expedicionárias de Goiás em direção ao teatro de guerra. É um capítulo pequeno, de apenas de quatro páginas, onde é retratada as comemorações de despedida dos soldados que marcharam para a cidade de Cuiabá. Rosarita escolhe como cenário inicial, no primeiro parágrafo, a Catedral de Sant'Anna como lugar para o enredo final. Escolheu a personagem Mercedes (tomemos essa personagem como a matriarca) para evocar no leitor toda a paisagem daquelas circunstâncias. Dramatização em detalhes, ela faz a ideia de um olhar no meio da multidão. A ideia de povo é caracterizada como sentimento de tristeza coletiva, afinal, a guerra chegara a Goiás e demandava seu tributo, *as cornetas tocavam a despedida final*, talvez os que partiam, jamais veria esta terra, outrora, outra vez; *os tambores rufavam*, a tropa seguia à pé, os cargueiros e os víveres atravessando o largo do Chafariz; *lenços sacudidos, lagrimas a correrem dos olhos*, a guerra é um absurdo.

Agora o povo saía. Cumprimento, olhos enevoados de lágrimas e ela mesma, Mercêdes, a custo sufocava o pranto. Missa solene, celebrada pelo vigário capitular. A bênção da bandeira. A força expedicionária já postada diante da igreja". (FLEURY, 1983, p. 479.)

A escolha da finalização do romance no momento em que começava a história da participação de Goiás na Guerra do Paraguai, parece-nos bem pontual diante daquilo que foi descrito acima: não era o interesse da escritora Rosarita Fleury escrever um romance das causas da guerra, uma narrativa militar. No nosso entender, foi uma opção de memória histórica da escritora em contribuir para um assunto que muito pouco foi estudado em Goiás desde o fim daquele conflito.

Um outro elemento de análise se encontra na projeção da personagem Mercêdes, escolhida para direcionar a percepção do leitor no sentido do ambiente de despedida da tropa militar; o olhar da mulher, da mãe que vê os seus irem pra guerra; um olhar de desesperança vivenciado num ambiente religioso, a igreja caindo aos pedaços, sob a proteção

da bênção de Nossa Senhora de Sant'Anna, padroeira da Cidade de Goiás. Desse ponto, a imaginação aflora, se alarga por Goiás e se estende de volta ao Mato Grosso.

Bem provável, essa é nossa interpretação, Rosarita Fleury quisesse nos dizer o seguinte: continue escrevendo a continuação desta trama histórica, pois o romance de Sabina - uma adolescente de 13 anos e filha mais nova do coronel Leopoldo e de dona Mercedes - mal havia se casado com o Capitão Suassuna; logo, seu romance só estava começando. Na opção literária, com sua capacidade imaginativa e criativa de pensar e narrar essa trama, Rosarita Fleury nos deixou como 'horizonte de expectativa' a ideia de que esse romance se daria a caminho do Mato Grosso, mas aí o romance acabou. Portanto, a ideia do "bem provável" de que foi essa a forma dela externar sua percepção histórica sobre a participação de Goiás na Guerra do Paraguai:

- Fui contra a partida deles, mecê sabe. O Capitão é teimoso e não me ouviu. Acho que sendo amigo do Comandante Guimaraes, há de conseguir para ele o melhor.
- Podem até viajar a cavalo.
- Acho que não. Não seria justo, quando todo o Batalhão e corpo de voluntários viaja a pé. Acontece que a viagem, com tanta gente, fica alegre e as horas passam mais depressa.
- Ele me disse que levaria animais...
- Animais e gado, conforme o trato que fez com o Presidente. O Batalhão vai precisar de tudo isso.
- Sabina me contou ontem. O Capitão está entusiasmado. Acha que pode fazer um bom negócio... (FLEURY, 1983, p. 482).

Diante do exposto, os conselhos do historiador Roger Chartier, sobre a relação entre história e literatura de ficção, dizem que o uso de obras de ficção exige do pesquisador a capacidade de compreensão do que é comum no domínio da crítica do conhecimento histórico. Consequentemente, sua ideia não condiz com a necessidade de um aparelhamento teórico que permita ou não dizer se uma obra de ficção, uma biografia, um monumento memorialístico deva ser validado como suporte de verdade sobre o passado, ou não! (Essa não é a principal preocupação desse diálogo interdisciplinar) Toda literatura é fruto da capacidade inventiva, da imaginação criadora, é um suporte de saber da humanidade. Entretanto, é desafio para ele que, no exercício de investigação em história e no trato de fontes que provém da capacidade criadora de histórias 'imaginadas ou imaginárias' sobre o passado deve-se ter em mente que:

O ponto de partida de tal interrogação reside na tomada de consciência pelos historiadores de que as formas legítimas de produção historiográfica, entendida como conhecimento, são ligadas à escrita e, pois, à produção de uma textualidade e de um discurso. (CHARTIER, 2011, p. 217)

Nessa linha de compreensão, a intenção de ler e interpretar o romance *Sombras em Marcha*: na vivência da fuga como fonte, estreita-se no entendimento desta escrita como fruto da capacidade criadora da escritora em vista da valorização da memória histórica. Isto é, a proposta de narrativa histórica de Rosarita Fleury contempla a criação estética com o mundo social de uma época, de lugares, de culturas em conflitos, de pessoas fugindo de uma guerra. Diante de um saber assim constituído em forma de texto e narrativa ficcional, o que deve, pois o historiador fazer? Para Roger Chartier, o ofício do historiador tem uma função humana e social e diante do saber constituído em forma de poética e narrativa, deve o historiador fazer, senão, tomá-los como fonte de inspiração e imaginação das coisas do passado que foram e não o são mais, e conclui:

A história, qualquer que seja, mesmo a mais quantificada, mesmo a mais estrutural, mesmo a mais conceitual, permanece sempre dependente das formas que governam a produção das narrativas, sejam de história ou de ficção. (CHARTIER, 2011, p. 218).

Conclusão.

Estudar o passado de Goiás no contexto da Guerra do Paraguai tem se mostrado uma oportunidade de aperfeiçoamento intelectual no plano do ofício historiográfico. Isso porque a história daqueles acontecimentos só são histórias se houver a disponibilidade para o diálogo com os vestígios herdados das ações humanas responsáveis direta ou indiretamente pela transmissão desses feitos humanos até nós. Essa disposição já existe e está contemplada no plano de trabalho de nossa inserção no Programa de Pós-graduação em História da UFG (PPGH-UFG). O que se propôs nesta reflexão foi dar continuidade à análise e discussão, no âmbito dos aspectos teórico e metodológicos da investigação à luz do eixo história cultura e a partir daí abrir o leque de estudo e análise de fontes de informação sobre o passado, ampliando o debate com o uso de obras de ficção histórica, dando a esta categoria de saber o caráter de testemunho da história.

Nesse prisma, o conhecimento em processo nesta investigação está enraizado no arcabouço das possibilidades de diálogo interdisciplinar entre História e literatura de ficção, nosso fundamento teórico nesse aspecto se aproxima do que diz Roger Chartier: “As obras de ficção, ao menos algumas dela, e a memória, seja ela coletiva ou individual, também conferem uma presença ao passado, às vezes ou à miúdo mais poderosa do que estabelece os livros de história” (CHARTIER, 2010, p. 21). O livro *Sombras em Marcha* e a proposta

literária de Rosarita Fleury junto ao nosso trabalho só tem servido como fonte que faz jorrar muitas imaginações sobre as experiências históricas vividas pelos contemporâneos de uma realidade de tragédia. Assim sendo, fornece uma aprendizagem sobre esse assunto que se amplia com a leitura desta obra: a guerra foi um absurdo, toda guerra é um absurdo! A Guerra do Paraguai foi expressada como “Maldita” na literatura histórica de Francisco Doratioto; em Rosarita Fleury, a guerra foi tratada como “absurdo”, pois não eram pessoas em marcha, e sim “sombrias”, “sombrias da guerra”; a investigação continua.

Referências Bibliográficas.

Fontes.

FLEURY, Rosarita. **Sombrias em marcha: na vivência da fuga.** Romance. Goiânia, Indusgraf, 1983.

MEMÓRIAS GOIANAS. **Relatórios dos governos da Província de Goyaz de 1864-1870.** Vol 10. Sociedade Goiana de Cultura, Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central. Centro de Cultura Goiana- Goiânia: Ed. UCG, 1998.

TAUNAY, Alfredo D’Escragno. **A retirada da Laguna.** Episódio da Guerra do Paraguai, s/cidade: edição Melhoramentos, 1963.

Blog

MOREIRA, Hélio. **Elos da Mesma Corrente: Rosarita Fleury.** Baú Literário, 07 de junho de 2010. Disponível em: <<http://anhshhrjnm.blogspot.com.br/2010/06/bau-literario.html>>, acesso em 17-08-2015, às 1:17h

Bibliografia.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes.** 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.¹

ARAÚJO, Johny Santana de. **Bravos do Piauí! Orgulhai-vos. Sois dos mais bravos Batalhões do Império: a propaganda nos jornais piauienses e a mobilização para a Guerra do Paraguai (1865-1866).** Tese (Doutorado) Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências humanas e Filosofia, Departamento de História, 2009.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador.** Rio de Janeiro: ZAHAR Ed., 2001.

CHARTIER, Roger. **A verdade entre ficção e história.** In SERPA, Élio Catalício et all (orgs). Narrativas da Modernidade: história, memória e literatura. Uberlândia: EDUFU, 2011.

_____. **A história ou a leitura do tempo.** 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

CASTRILLON-MENDES, Olga Maria. **Taunay Viajante: a construção imagética de Mato Grosso**. Cuiabá: EdUFMT, 2013.

DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. **Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MARTINS, Zildete Inácio de Oliveira. **A participação de Goiás na Guerra do Paraguai (1864-1870)**. Goiânia. Ed. da Universidade Federal de Goiás, 1983.

MARROU, H.I.. **Do conhecimento Histórico**. Lisboa: Editora ASTER, 1968.